

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Aço Brasil pede ajuda a Bolsonaro contra cota dos EUA.....	2
Título: Vale manterá oferta para a China este ano, diz diretor	3
Título: Associações se unem para aproveitar resíduo	5
Título: Covid-19 preocupa moradores de Itabira	7
Título: Estratégia de comercialização garante lucro da Raízen.....	8
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	10
Título: Consumo de energia tem queda de 6,6% em abril.....	10
Título: » Teletrabalho.	11
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	11
Título: Garfo	11
VEÍCULO: O Globo.....	12
Título: Rumo a uma economia mais verde.....	12

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 02/06/2020****Seção: Brasil****Autor: Fabio Murakawa — De Brasília****Título: Aço Brasil pede ajuda a Bolsonaro contra cota dos EUA**

Em reunião no Palácio do Planalto, representantes do setor siderúrgico pediram ao presidente Jair Bolsonaro que converse com o americano Donald Trump a fim de flexibilizar um sistema de cotas no qual os Estados Unidos enquadraram o aço brasileiro há dois anos, a chamada Seção 232. O setor solicitou, além disso, que o governo adote medidas para proteger a indústria nacional da concorrência de chineses e coreanos.

A sugestão foi levada a Bolsonaro por Marco Polo de Mello Lopes, presidente do Instituto Aço Brasil, e mais quatro dirigentes da entidade que o acompanharam a Brasília. Estiveram presentes no encontro os ministros da Economia, Paulo Guedes, das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e da Casa Civil, Walter Souza Braga Netto. Ao **Valor**, Lopes disse que o governo foi “bastante receptivo” às propostas.

Por volta das 16h50, cerca de uma hora após o encontro, Bolsonaro telefonou para Trump. Segundo a agenda oficial divulgada pelo Palácio do Planalto, os dois presidentes ficaram por meia hora ao telefone.

Lopes explicou que o setor, onde já há uma superoferta mundial, tem sofrido uma crise aguda de demanda interna e externa por conta da pandemia causada pelo coronavírus. Neste momento, as siderúrgicas nacionais operam com 40% da capacidade instalada, disse ele, quando deveriam estar funcionando com cerca de 80%.

Com a economia paralisada dentro do país e em boa parte do mundo, que ainda sente os efeitos da Covid-19 sobre a atividade, uma saída seria derrubar barreiras ao aço brasileiro.

A ideia dos é aproveitar a boa relação de Bolsonaro e Trump para viabilizar a flexibilização ou até mesmo a retirada do Brasil do sistema de cotas, que já exclui países como Canadá, México e Austrália.

“A exportação é a grande saída para o setor”, disse Lopes. “Fizemos um pedido especial para que houvesse conversa para flexibilizar o mercado americano, fechado pela seção 232.”

Por esse dispositivo, Irã e Líbia chegaram a ser proibidos de exportar petróleo para os EUA nas décadas de 1970 e 1980.

Lopes alega que a medida firmada por Trump gera prejuízos à própria economia americana, uma vez que o aço brasileiro é matéria-prima usada pelas siderúrgicas locais. Brasil é o segundo maior exportador de aço para os EUA. O país tem atualmente 51 milhões de toneladas de capacidade instalada, em um mercado já marcado pelo excesso de oferta.

De acordo com Lopes, antes da pandemia havia 395 milhões de toneladas de excesso de capacidade instalada. Desse total, 154 milhões de toneladas estão na China e 56 milhões, na Coreia do Sul.

“São os dois países que têm maior número de processos no mundo por práticas predatórias de comércio”, afirmou. “A nossa indústria não pode virar presa de China e Coreia. Tem que ter em caráter emergencial algum mecanismo, como uma cota-país.”

A dificuldade de acesso ao crédito também foi tema da conversa com Bolsonaro. Essa situação, disse Lopes, afeta sobretudo empresas que faturam entre R\$ 10 milhões e R\$ 300 milhões. E é causada sobretudo pela aversão dos bancos privados em assumir o risco das operações. As indústrias demandam também o aumento do fundo garantidor para operações de crédito para as empresas.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/06/2020

Seção: Empresas

Autor: Francisco Góes — Do Rio

Título: Vale manterá oferta para a China este ano, diz diretor

A Vale vai vender este ano para a China um volume de minério de ferro igual ou superior ao de 2019, disse ao **Valor** o diretor-executivo de ferrosos da mineradora, Marcello Spinelli. Ele também afirmou que a meta de produção da companhia para a commodity se mantém inalterada em um intervalo que vai de 310 milhões a 330 milhões de toneladas em 2020.

O executivo fez as afirmações ontem, dia em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu que o Brasil se situou como um dos países com maior aumento no número de casos de covid-19 em 24 horas. As preocupações crescentes com o novo coronavírus no país têm levado agentes de mercado a questionar se poderá haver uma limitação na oferta de minério de ferro pelo Brasil. E essa incerteza tem ajudado a alavancar os preços do minério de ferro, que fechou ontem a US\$ 100 por tonelada.

“A Vale vai ofertar [um volume] igual ou maior do que o de 2019 para a China este ano”, disse Spinelli. No ano passado, a mineradora vendeu 312,5 milhões

de toneladas de minério de ferro e pelotas sendo que a China respondeu por 190,2 milhões de toneladas ou 61% do total. A China é de longe o principal mercado da companhia.

Spinelli afirmou que a meta de produção da empresa para 2020 considerou a covid-19 como um dos elementos de risco. Mas disse que a empresa tem demonstrado “habilidade” em gerenciar esse risco até o momento. Outro fator de risco considerado foi o retorno à produção de minas que foram paralisadas depois de Brumadinho. Também foi incluída nessa análise o fato de a pandemia poder atrasar a retomada da operação de algumas minas em Minas Gerais.

No fim de abril, ao divulgar o balanço do primeiro trimestre, a Vale anunciou uma revisão de sua meta de produção para o ano, situando-a entre 310 milhões e 330 milhões de toneladas (antes essa projeção era de 340 milhões a 355 milhões de toneladas). A mudança embutiu os potenciais impactos da covid-19. A meta está mantida, reafirmou Spinelli.

Ele acrescentou que há, porém, outros elementos, além da covid-19, que têm um papel importante na relação entre oferta e demanda na China, onde o preço do minério de ferro é formado. Esses fatores têm contribuído para manter elevados os preços do minério de ferro. A China retomou a atividade econômica depois do surto de coronavírus no país, disse Spinelli.

Ele citou exemplos dessa recuperação chinesa: os recordes históricos em termos de vendas diárias de aço e o nível de utilização dos altos-fornos das siderúrgicas, que atingiram índice também recorde de 92,6%. Os estoques de minério de ferro vem caindo nos portos chineses e atingiram 107 milhões de toneladas, níveis semelhantes aos de 2016. A diferença é que naquele ano os estoques estavam disponíveis nos portos, enquanto hoje a Vale usa os terminais na Ásia para fazer misturas (blendagens) de diferentes produtos em termos de qualidade (teor de ferro).

Na visão de Spinelli, vai haver um deslocamento da oferta de minério de ferro de outros mercados, cujas siderúrgicas reduziram produção - caso da Europa, por exemplo -, para a China. Isso porque não se espera que a recuperação da Europa pós-covid tenha a mesma velocidade da China.

Sobre o risco da covid-19 produção, Spinelli reiterou que a Vale vem adotando todos os procedimentos necessários - do trabalho em casa de grande parte dos funcionários às práticas de distanciamento social. Ele disse que a empresa opera nas suas unidades produtivas com 60% dos empregados. Há ainda uso de tecnologias como câmaras térmicas para medição de temperatura. Nos municípios onde opera, tem apoiado investimentos em saúde e na aplicação de testes. Em Parauapebas (PA), onde está Carajás, há testagem em massa da

população. Parauapebas e São Luís, onde está seu porto, já passaram por fechamentos (lockdown).

Spinelli disse ainda que no norte do país a Vale dispõe de um contingente de trabalhadores disponível para ser chamado de forma temporária e imediata se for necessário. “Principal desafio é cuidar do absenteísmo.”

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/06/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

Fatia do Campo de Manati

A Petrobras iniciou a fase não vinculante da venda de sua participação de 35% do Campo de Manati, concessão de produção marítima em águas rasas localizada na Bacia de Camamu (BA). Segundo a petroleira, a venda está “de acordo com as diretrizes para desinvestimentos” e alinhada à estratégia de otimização de portfólio e melhoria de alocação do capital da companhia. Localizado a 10 km da costa do município de Cairú (BA), o campo iniciou operações em 2007. Além da Petrobras, o ativo tem participação da Enauta (45%), Geopark Brasil (10%) e BrasoilManati Exploração Petrolífera (10%).

Renúncia na CPFL

O vice-presidente executivo da CPFL Energia, Yumeng Zhao, renunciou ao cargo. Segundo comunicado enviado ao mercado, o conselho de administração da companhia elétrica foi informado ontem da decisão do executivo. Yumeng Zhao havia sido eleito ao posto em maio de 2019.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/06/2020

Seção: Empresas

Autor: Daniel Rittner — De Brasília

Título: Associações se unem para aproveitar resíduo

ABCP (cimento portland), Abetre (tratamento de resíduos e efluentes), ABiogás (produção e aproveitamento do biogás) e Abrelpe (limpeza pública) lançam hoje a Frente Brasil de Recuperação Energética de Resíduos

Quatro associações empresariais - ABCP (cimento portland), Abetre (tratamento de resíduos e efluentes), ABiogás (produção e aproveitamento do biogás) e Abrelpe (limpeza pública) - se uniram para viabilizar soluções técnicas e operacionais em prol da destinação mais sustentável do lixo urbano no país. Elas lançam hoje a Frente Brasil de Recuperação Energética de Resíduos, que terá como objetivo impulsionar a captação de energia a partir de rejeitos depositados em aterros sanitários.

A Abrelpe estima que 14,5 gigawatts-hora por ano de eletricidade podem ser gerados com base no tratamento térmico das 79 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos no Brasil, conforme dados do panorama setorial 2018/2019 da entidade. Isso representa 3% do consumo nacional de energia elétrica e seria suficiente para abastecer Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas juntos.

O potencial, segundo a ABiogás, alcança 5 bilhões de metros cúbicos de metano por ano. Hoje já existe cerca de 300 megawatts (MW) de potência instalada a partir do biogás. Essa capacidade poderia se multiplicar. No entanto, apenas 42% do lixo urbano coletado atualmente vai para locais adequados e pode ter algum tipo de processamento. O resto é depositado em lixões, que deveriam ter acabado em 2014, se a Política Nacional de Resíduos Sólidos tivesse sido seguida à risca - o prazo foi descumprido e sendo postergado.

O investimento em aterros sanitários regionais e na recuperação energética podem eliminar desperdícios e fortalecer a economia circular, afirma o presidente da Abetre, Luiz Gonzaga: “Com um ano de funcionamento, os aterros que substituirão esses depósitos de lixo a céu aberto estarão aptos a produzir metano e, com as usinas de biogás, podemos ter uma produção elétrica quase dez vezes superior à atual”.

O acordo de cooperação entre as quatro associações tem apoio do Ministério do Meio Ambiente e buscará, entre outras iniciativas, coordenar esforços para a remoção de barreiras regulatórias que dificultam o aproveitamento mais intenso dos resíduos.

Um dos setores que mais podem se beneficiar do coprocessamento de lixo urbano selecionado, em grandes volumes, é a indústria de cimento. Os resíduos podem substituir parte do combustível fóssil - e dolarizado - que alimenta a chama dos fornos, transformando argila e calcário em clínquer (matéria-prima

do cimento). Hoje apenas 17% da energia térmica para essa finalidade vem de fontes alternativas ao coque, observa Paulo Camillo Pena, presidente da ABCP.

“Utilizando o lixo, as companhias poderão substituir até 80% do combustível usado hoje no processo produtivo”, diz o executivo. Ele menciona a redução de passivos ambientais, a geração de empregos e a contribuição à saúde público (com diminuição dos focos de dengue) como benefícios.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/06/2020

Seção: Empresas

Autor: Marcos de Moura e Souza — De Belo Horizonte

Título: Covid-19 preocupa moradores de Itabira

O número de funcionários da Vale em Itabira (MG) contaminados por coronavírus passou a ser foco de preocupação de parte dos moradores da cidade. No município estão as minas de ferro mais antigas da mineradora.

Na semana passada, auditores da Superintendência Regional do Trabalho chegaram a determinar a interdição das três minas da empresa até que fossem adotadas medidas para melhoria das medidas de segurança de saúde dos trabalhadores. A Vale conseguiu derrubar a decisão na Justiça.

“O número de casos da Vale está assustando a cidade”, disse ontem André Viana, presidente do Metabase, sindicato que reúne trabalhadores da Vale na região.

Segundo o Ministério Público do Trabalho, a primeira informação, do dia 21, era que havia 81 contaminados na unidade de produção local. No dia 25, o balanço dos auditores apontava que o número era maior: 188 confirmados. “As pessoas na cidade estão bastante preocupadas”, disse Viana.

Itabira é o quinto município de Minas com o maior número de casos, de acordo com o balanço de ontem da Secretaria de Estado de Saúde: 251 confirmados. A companhia, segundo o Metabase, tem 4.100 funcionários diretos em Itabira.

Adriana Augusta, procuradora do Ministério Público do Trabalho de Minas, disse que do plano de ação da Vale não constava o afastamento de funcionários que tinham tido contato direto com colegas contaminados.

O MPT entrou com uma ação que as operações fossem paralisadas até que todos os funcionários passassem por exames. O pedido foi negado pela Justiça.

“Estamos estudando medidas possíveis para reverter essa decisão”, disse a procuradora. Ela reconhece que a empresa adotou muitas medidas, mas diz que há ainda situações que podem estar expondo funcionários ao contágio. Uma dessas situações é, disse ela, a de aglomeração na hora de embarque nos ônibus da empresa, no fim dos turnos.

O diretor-executivo de ferrosos da Vale, Marcello Spinelli, disse que a posição da Justiça é um reconhecimento da transparência com que a companhia vem lidando com a pandemia. “Ter atitude de mostrar o problema e cuidar dele é a atitude da Vale, de fazer o certo. E assim o juiz [da 2ª vara de Itabira] entendeu que deve ser feito”, disse Spinelli, em entrevista ontem ao **Valor**.

O executivo afirmou ainda que a Vale ouviu e implementou sugestão de melhoria feita pelo sindicato de trabalhadores. “Implantamos na mesma hora.”

No Maranhão, Novarck Oliveira, diretor do sindicato dos ferroviários - que tem funcionários da Vale como a maior parte de sua base - disse que a empresa assumiu o compromisso de testar os trabalhadores a cada três semanas até o fim de junho.

A Vale opera no estado o Porto de Ponta da Madeira e as ferrovias que ligam São Luís à mina de ferro de Carajás, no sul do Pará. Oliveira diz que além da medida, a empresa aumentou o número de ônibus de transporte de funcionários, mudou as regras de alimentação para que não haja aglomeração nos refeitórios.

Outra medida que a empresa passou a adotar é a transferências de funcionários que preferam ficar próximo de suas famílias em suas cidades ou estados de origem durante a pandemia. Também há possibilidade de transferências para tratamento de casos mais graves. Em Minas Gerais, o prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), chegou a tratar o assunto como “importação de doentes”, principalmente os de Carajás para a capital mineira.

A Vale rebateu dizendo “que tem o compromisso de cuidar da saúde e da segurança de seus empregados, observando rigorosamente todos os protocolos exigidos pelo Ministério da Saúde”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/06/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo

Título: Estratégia de comercialização garante lucro da Raízen

Ebitda ajustado alcançou R\$ 1,5 bilhão no quarto trimestre da safra 2019/20, o maior valor trimestral da história

A decisão de concentrar as vendas de açúcar e etanol no último trimestre da safra passada (2019/20), de janeiro a março, garantiu à Raízen Energia - joint venture entre Cosan e Shell e líder do segmento no país e no mundo - lucro líquido e resultado operacional recorde no período, mesmo já em meio à pandemia.

A estratégia de comercialização garantiu que o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado alcançasse R\$ 1,5 bilhão no intervalo, o maior valor trimestral da história, conforme os números apresentados no balanço da Cosan - a Raízen ainda não divulgou seus números.

Na contabilização dos resultados da joint venture em seu balanço, a Cosan reconheceu um lucro líquido trimestral da Raízen Energia de R\$ 284,3 milhões, ante R\$ 38,4 milhões de janeiro a março do ciclo anterior.

Os impactos negativos da pandemia foram compensados tanto pelo melhor desempenho das exportações de açúcar como pela estratégia de “proteção” das vendas de etanol. A receita operacional líquida da Raízen subiu 26%, para R\$ 9 bilhões.

A redução das vendas de combustíveis para carros leves (ciclo Otto) no país, mais relevante a partir de meados de março, resultaram em redução de 12% no volume de etanol vendido pela empresa em relação ao mesmo trimestre da safra passada.

Mas a companhia conseguiu sustentar o faturamento com o biocombustível aumentando as exportações do produto, aproveitando um câmbio mais favorável, e fazendo hedge no mercado futuro de gasolina. A receita com etanol cresceu 23%, para R\$ 3,6 bilhões.

A Raízen Energia encerrou o intervalo com estoques de etanol ainda menores do que um ano antes, de 509 milhões de litros. Diante da redução dos preços no início de abril, a Cosan antecipou no balanço uma perda contábil com esses estoques, mas ela foi registrada em abril.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 02/06/2020****Seção: Economia****Autor: Denise Luna / RIO****Título: Consumo de energia tem queda de 6,6% em abril**

Resultado reflete, pela primeira vez, o impacto da pandemia em um mês inteiro; recuo foi puxado pelo comércio, seguido pela indústria

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) registrou uma queda de consumo de energia elétrica de 6,6% em abril, para 37.116 gigawatts-hora (GWh), refletindo pela primeira vez o impacto em um mês inteiro da pandemia de covid-19. O setor comercial foi o mais atingido, com queda de 17,9%, seguido pela indústria, com perda de 12,4% no consumo.

Por outro lado, o consumo residencial subiu 6%, sinalizando aumento da demanda trazida pelo isolamento social, que obrigou as pessoas a ficarem mais em casa, informou a EPE.

“O fechamento temporário de estabelecimentos e lojas do setor de comércio e serviços não essenciais afetou de forma expressiva as vendas do comércio e as atividades de hotéis e restaurantes, setores mais afetados negativamente. Com a redução da atividade econômica do setor, todas as regiões do País apresentaram queda no consumo de eletricidade na classe comercial, sendo que o Nordeste (-21,7%) e o Sudeste (-19,3%) foram as regiões que tiveram as maiores retrações no consumo”, informou a EPE em nota.

Entre as principais quedas de consumo de energia registrada pela indústria, as mais intensas foram sentidas pelo setor automotivo (-47,3%), têxtil (-28,5%) e produtos metálicos exceto máquinas e equipamentos (-24,9%). O consumo no Sudeste, além dos efeitos das restrições nas atividades de comércio e serviços, teve influência do clima mais ameno em relação a abril do ano passado.

O resultado do segmento residencial também foi influenciado por ciclos de faturamento com mais dias em relação ao mesmo período de 2019 nas distribuidoras com participação significativa no mercado. “Descontado esse efeito, o crescimento verificado na classe residencial em abril seria em torno de 2%”, explicou a EPE.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 02/06/2020****Seção: Colunas****Autor: ALINE BRONZATI, CIRCE BONATELLI E CRISTIANE BARBIERI****Título: » Telelavoro.**

Coluna do Broadcast

Maior empresa privada de distribuição de energia do País, a Enel Brasil e a Enel Green Power Brasil, líder em geração de energia solar e eólica, vão manter o trabalho remoto até o fim do ano a todos os funcionários elegíveis. No total, serão cerca de 4.800 profissionais. Os demais - como engenheiros, técnicos e eletricitas - continuam indo a campo.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 02/06/2020****Seção: Colunas****Autor: Joana Cunha****Título: Garfo**

PAINEL S.A

Bares e restaurantes paulistas se articulam para negociar com o governo de SP a forma de cobrança da Enel, que está usando a média de consumo dos últimos 12 meses, mesmo com os estabelecimentos fechados na pandemia. A distribuidora dá a opção da auto leitura, mas nem todos os clientes aderiram.

Offline

A companhia já afirmou que compensará a cobrança amais, mas os restaurantes dizem que começaram a receber protestos pela falta de pagamento e que estão com dificuldade de utilizar o sistema de autoleitura.

salgado

“Estamos parados, sem delivery. A conta deveria vir R\$ 100, mas chega a R\$ 7 mil”, diz Leo Henry, dono do La Casserole, um dos mais tradicionais restaurantes franceses da capital. Segundo ele, o programa de auto leitura é incompatível com o medidor de vários estabelecimentos.

Contato

A Frente Parlamentar de Hotéis, Bares e Restaurantes enviou ofício a João Doria, na semana passada, solicitando a intermediação. Em nota, a Enel diz que retomará gradualmente a leitura dos medidores de energia em junho com a flexibilização das medidas de isolamento em SP.

VEÍCULO: O Globo

Data: 02/06/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Rumo a uma economia mais verde

“Das causas com origem humana, a energia, em sua produção e consumo, é, após o fato de termos nascido, a ação mais deletéria do homem.

Na mitologia grega, Prometeu, por ter roubado o fogo dos deuses, teve como castigo viver acorrentado com o fígado bicado por uma águia. Nos últimos 100.000 anos, cozinhamos alimentos, usamos a energia animal na agricultura, o fogo para forjar ferramentas e o vento para navegar pelo mundo. As primeiras revoluções industriais foram marcadas pela invenção da máquina a vapor e à eletricidade, quando passamos da madeira ao petróleo, esta a energia do século XX.

Agente de guerras e grandes crises internacionais, o petróleo, junto com outros combustíveis fósseis, tornou-se o vilão a ser abatido, devido a sua importância no acréscimo dos gases de efeito estufa na atmosfera e, por consequência, do aumento da temperatura global. O que nos aguarda após a porta de saída da pandemia? Teremos uma aceleração inexorável de um futuro de uma economia mais verde, baseada no consumo de formas de energias mais limpas e renováveis? Acredito que, sim, estamos em plena transição energética, para melhor, e, se nós não nos atrapalharmos, o Brasil poderá desembarcar no novo século XXI”

David Zylbersztajn, ex-diretor-geral da ANP

MME / ASCOM .